

# Intersubjectividade e sentimentos morais

Pensando a partir da fenomenologia

André Barata  
[www.andrebarata.com](http://www.andrebarata.com)

# O comentário de Freud sobre Macbeth

«(...) the germs of fear which break out in Macbeth on the night of the murder do not develop further in *him* but in *her*. It is he who has the hallucination of the dagger before the crime; but it is she who afterwards falls ill of a mental disorder. It is he who after the murder hears the cry in the house: '**Sleep no more! Macbeth does murder sleep...**' and so "**Macbeth shall sleep no more**"; but we never hear that *he* slept no more, while the Queen, as we see, rises from her bed and, talking in her sleep, betrays her guilt. It is he who stands helpless with bloody hands, lamenting that "all great Neptune's ocean' will not wash them clean, while she comforts him: "A little water clears us of this deed"; but later it is she who washes her hands for a quarter of an hour and cannot get rid of the bloodstains: "All the perfumes of Arabia will not sweeten this little hand." Thus what he feared in his pangs of conscience is fulfilled in her; **she becomes all remorse and he all defiance. Together they exhaust the possibilities of reaction to the crime, like two disunited parts of a single psychical individuality, and it may be that they are both copied from a single prototype.**» (Freud, 1916: 323-4)

"Some character-types met with in psycho-analysis work", trabalho dividido em três partes, a segunda delas intitulada "Those wrecked by success".

**6.<sup>a</sup> sessão**  
**14 de Junho**

## 6. CULPABILIDADE E SOCIEDADE

- O remorso colectivo - *As Moscas* (Sartre)
- *Totem e Tabu* (Freud), *Mal-Estar e Civilização* (Freud) e *Eros e Civilização* (Marcuse), através de um artigo meu ("Tolerância e Ambivalência").

# Oresteia

*A Oresteia de Ésquilo - Agamémnon, As Coéforas, As Euménides*

«Uma **neurose coletiva trágica do destino**, na qual os seus protagonistas se vêem compelidos a atuar os dramáticos papéis e a **repetir** a crónica de crimes que vinham acontecendo através de várias gerações. (Grinberg, 251)

# Os caracteres da Oresteia

1. Atreu, e o seu irmão Tieste
2. Agamémnon, Ifigénia
3. Clitemnestra e Egisto
4. Orestes e Electra
5. As Erínias (Fúrias)

# O matricídio

Diante do filho que a matará, em vã tentativa de o conter, Clitemnestra **expõe o seu seio a Orestes**, aquele de que mamara e em que adormecera tantas vezes.

- a interpretação edipiana é evidente.

O sentimento de culpa é insuperável, sendo representado pelas Erínias. Orestes é, contudo, resgatado da sua culpa por Atena e Apolo.

# *As Moscas*

*As Moscas* (1943) é uma adaptação da *Oresteia* por Sartre, mas com claro reforço da ideia de uma **culpa colectiva**, partilhada por toda a cidade.

A Argos de Sartre seria o regime de Vichy (1940/44, cujo lema era "trabalho, família, pátria"!), e as Erínias da tragédia grega se transmutam agora em moscas, milhões de moscas que não abandonam a cidade.



# A culpa coletiva

**ELECTRA:** «Aqui cada um grita os seus pecados na cara de todos; e não é raro, nos dias de feriado, ver algum comerciante que depois de baixar a cortina metálica da sua barraca, se arrasta de joelhos pelas ruas, esfregando o pelo no peito e uivando que é um assassino, um adúltero ou um prevaricador. Mas as pessoas de Argos começam a enfastiar-se; cada um conhece de memória os crimes dos outros; os da rainha em particular já não divertem ninguém; são crimes oficiais, crimes de princípios, por assim dizer.»

# A expiação coletiva

«Em cada aniversário da morte de Agamémnon, organizava-se um ato ritual no qual o povo tinha de aceitar a **expição coletiva**. Reuniam-se diante de uma caverna que comunicava com os infernos; o grande sacerdote retirava a pedra que obstruía a entrada da caverna e os mortos espalhavam-se pela cidade. **Toda a gente devia confessar os seus pecados, deixar-se castigar pelos seus mortos perseguidores (as moscas) e expressar o seu arrependimento.**»

(Léon Grinberg, 254)

# O dia do perdão

O Yom Kippur na cultura judaica, em que sucede o dia do perdão, mas igualmente a penitência na quaresma cristã, ou ainda, no jejum do Ramadão... Jejum, penitência dos pecados, abstinência, articulam-se em datas comunitárias em vista da expiação reparadora.

# Apropriação e liberdade

ORESTES: «Crês que queria impedi-lo? Realizei o meu ato, Electra, e este ato era novo. **Transportá-lo-ei sobre os meus ombros** como o guia nos vaus dos rios transporta os viajantes, **passá-lo-ei** para a outra margem e darei conta dele. E **quanto mais pesado seja de carregar**, mais me regozijarei, pois **ele é a minha liberdade**. Todavia, ontem andava ao acaso sobre a terra e milhões de caminhos fugiam por debaixo dos meus passos, pois pertenciam a outros. Tomei-os a todos emprestados: o dos atiradores, que corre ao longo do rio, e o caminho do arrieiro e a rota empedrada das estradas; mas **nenhum era meu**. Hoje não há mais que um, e Deus sabe aonde leva, mas **é o meu caminho...**»

# O remorso subsequente

**ELECTRA:** «Escuta!... Escuta o ruído das suas asas, semelhante ao ronco de uma forja. Rodeiam-nos Orestes. Espiam-nos, dentro de instantes cairão sobre nós, e sentirei mil patas **pegajosas** no meu corpo. Para onde fugir, Orestes? **Incham, incham, já são grandes como abelhas, seguir-nos-ão por todo lado** em espessos redemoinhos. Horror! Vejo os seus olhos, os seus milhões de olhos que nos fitam. (...)

**ORESTES:** Que nos interessam as moscas?

**ELECTRA:** São as Erínias, Orestes, **os deuses do remorso.**

# Orestes versus Electra

ORESTES: «É a tua debilidade que lhes dá força. Olha, a mim não se atrevem a dizer nada. Escuta: um horror sem nome passou sobre ti e separa-nos. Contudo, que viveste tu que eu não tivesse vivido? Crês que os meus ouvidos alguma vez deixarão de ouvir os gemidos da minha mãe? E os seus olhos imensos - dois oceanos agitados - no seu rosto de giz. Crês que os meus olhos alguma vez deixarão de vê-lo? E a angústia que te devora, crês que alguma vez deixará de consumir-me? Mas que me interessa: sou livre. Para além da angústia e das recordações. Livre. E de acordo comigo mesmo. Não deves odiar-te, Electra. **Dá-me a mão, não te abandonarei.**»



# referência

Adolphe Bouguereau (1825-1905) - The  
Remorse of Orestes (1862).



# Freud: *Mal-estar e civilização*

«When once the Apostle Paul had posited **universal love** between men as the foundation of his Christian community, **extreme intolerance** on the part of Christendom towards those who remained outside it became the inevitable consequence. **To the Romans, who had not founded their communal life as a State upon love, religious intolerance was something foreign,** although with them religion was a concern of the State and the State was permeated by religion.» (Freud, 1930: 114)

# Regulação afectiva das sociedades

Quer isto dizer que há **modos afectivos que estruturam a organização da existência colectiva de uma sociedade**, que não terão de ser necessariamente os mesmos, podendo, por exemplo, ser um modo amoroso ou não, e que esta diferença implica uma forte repercussão nas práticas de tolerância e de intolerância das sociedades. Será, sobretudo, a evidência desta **regulação afectiva da organização da existência colectiva nas sociedades** que conduz Freud às suas hipóteses originárias sobre uma explicação psicanalítica da vida humana em comum.

# *Totem e Tabu*

Nas suas considerações de perfil antropológico em *Totem e Tabu* (1913) Freud descreve o evento de um parricídio perpetrado por uma comunidade de irmãos (a horda primitiva) que, assim, se liberta do jugo de um pai despótico (pai primitivo) que de tudo e de todos dispunha, que tudo possuía. A significação deste parricídio não é inteiramente apreendida sem a menção à sequência canibal do assassinato, que leva os filhos a comerem o pai, e a sua totemização.

«Psycho-analysis has revealed that the totem animal is in reality a substitute for the father (...)» (Freud, 1913: 141)

# Ambivalência e interiorização da culpa

A ambivalência dos sentimentos dos filhos posta a nu nesta sequência é a verdadeira raiz da **interiorização comunitária da culpa**. O pai primitivo, fonte e fim de todo o poder, é ele mesmo respeitado e o seu poder invejado. Com a sua morte não se pôs simplesmente termo a uma injustiça; garantiu-se a sua continuidade, até de forma mais intangível e por isso mais poderosa, mas contida por mediações que conseguem dominar, sem extinguir, o terror intolerável. O poder do pai, mau grado a sua morte, prossegue disponível, também, e sobretudo, para **assegurar a continuidade da própria sociedade**.

# Ambivalência emocional

«I have often had occasion to point out that **emotional ambivalence** in the proper sense of the term - that is, the simultaneous existence of love and hate towards the same object - lies at the root of many important cultural institutions.»  
(Freud, 1913: 157)

# Marcuse

A narrativa que pudesse antropologicamente explicar a origem desta ambivalência, explicação prosseguida em *Mal-estar e Civilização* (1930) e *Moisés e o Monoteísmo* (1939) é menos importante do que a sinalização da ambivalência em si mesma e a ênfase do seu papel. Com efeito, sem a ambivalência não seria compreensível a interiorização comunitária da culpa que é reconhecida pelo olhar analítico de Freud como preenchimento do espaço relacional com uma tonalidade afectiva de culpabilidade. A necessidade de que haja uma tal tonalidade negativa e repressora tem sido contestada. Um importante ensaio de Herbert Marcuse - *Eros e Civilização* (1955) - notabilizou-se pela sua tentativa de libertar a humanidade deste jugo de culpa a que nos haveríamos condenado segundo Freud e que se actualiza em angústia.

# *Eros e civilização: ambivalência*

Le sentiment de culpabilité qui, dans l'hypothèse freudienne, est inhérent au clan des frères, et sa consolidation ultérieure dans la société, est d'abord un sentiment de culpabilité né de la perpétration du crime suprême, du parricide. L'angoisse surgit des conséquences du crime. Cependant ces conséquences sont doubles : elles menacent de détruire la vie de groupe en supprimant l'autorité qui (bien que par la terreur) a préservé le groupe ; et, en même temps, cette suppression promet une société sans le père, c'est-à-dire sans suppression et sans domination. Ne doit-on pas affirmer que le sentiment de culpabilité reflète cette double structure et son **ambivalence** ? (Marcuse, 1955 : 66)

# A repressão e a civilização

Est-ce que l'interdépendance de la liberté et de la répression, de la production et de la destruction, de la tyrannie et du progrès, constitue réellement le *principe* de la civilisation ? Ou, est-ce que cette interdépendance n'est que le résultat d'une organisation *historique* de l'existence humaine ? En termes freudiens : le principe de plaisir et le principe de réalité sont-ils inconciliables au point d'exiger **la transformation répressive de la structure instinctuelle de l'homme ?** (Marcuse, 1955 : 16)



# *Moisés e o Monoteísmo*

We have already said that the Christian ceremony of Holy Communion, in which the believer incorporates the Saviour's blood and flesh, repeats the content of the old totem meal - no doubt only in its affectionate meaning, expressive of veneration, and not in its aggressive meaning. (...) Judaism had been a **religion of the father**; Christianity became a **religion of the son**. The old God the Father fell back behind Christ; Christ, the Son, took his place, just as every son had hoped to do in primaeval times. (Freud, 1939: 87-88)

# Tabu e consciência moral

If I am not mistaken, the explanation of taboo also throws light on the nature and **origin of conscience**. It is possible, without any stretching of the sense of the terms, to speak of a taboo conscience or, after a taboo has been violated, of a taboo sense of guilt. Taboo conscience is probably the earliest form in which the phenomenon of conscience is met with. (Freud, 1913: 67)

# Culpa e super-ego

Como complemento desta hipótese de explicação da **origem antropológica da consciência moral**, e seu correlato sentimento de culpa, Freud expõe, em *Mal-estar e Civilização*, uma explicação da **origem genealógica da consciência moral**, por referência à descrição tópica, designadamente das suas relações com o Super-Ego.

The super-ego is an agency which has been inferred by us, and conscience is a function which we ascribe, among other functions, to that agency. This functions consists in keeping a watch over the actions and intentions of the ego and judging them, in exercising a censorship. **The sense of guilt, the harshness of the super-ego is the same thing as the severity of the conscience.** (Freud, 1930: 136)

# Tolerância e tempo

A capacidade de tolerar reporta-se à capacidade de **diferimento**: Aquilo que se sofre passivamente e se aguenta activamente quando se tolera é também uma **retenção no tempo**, retenção que perturba, traz sofrimento e exige superação. Nenhuma tolerância é capaz de se perpetuar no mesmo sentido de que ninguém é capaz de suspender indefinidamente a sua própria respiração. O tolerável modula o tempo dentro dos limites da resistência de quem tolera. Deus seria sumamente tolerante se fosse essa a sua vontade, mas não os homens nem as sociedades que habitam.